

SELVA TRÁGICA REVISITADA

Elanir França Carvalho (UFMS)

O romance *Selva trágica* (1959), de Hernâni Donato (1922-2012), é emblemático do quadro da literatura brasileira de proposição social. Lastreada e herdeira da mesma vertente que foi paradigma da década de 1930, a obra marca a entrada da segunda metade do século XX. A narrativa toma como recorte o período denominado Ciclo da Erva-mate e ficcionaliza a condição da vida e do trabalho de homens envolvidos na extração da planta. Regionalista, situa seu enredo em território que hoje é espaço geográfico do Estado de Mato Grosso do Sul, fronteiro ao Paraguai. É de cunho fortemente sócio-humano, destacando-se pelo tom denunciativo e documental de uma época. Com foco e perspectiva dos trabalhadores, Donato dá voz e visibilidade a um contingente que resta à margem da sociedade. Expõe-se uma particular situação de aviltante exploração capitalista no campo.

Com mais de cinco décadas do surgimento e mais de trinta anos de tiragem esgotada, o livro ganhou nova edição em 2011. O projeto editorial ficou aos cuidados da Associação Cultural LetraSelvagem e compõe a Coleção Gente Pobre, organizada por Nicodemos Sena.

Visto de hoje, o relançamento da obra, em 17 de novembro de 2011, na sede da Academia Paulista de Letras, na qual Donato ocupava a cadeira 20, pontua quase precisamente um ano antes da morte do escritor, ocorrida em 22 de novembro de 2012, pouco mais de um mês de ele ter completado 90 anos de idade. As datas guardam nota significativa. Antes de deixar a cena de sua existência, Donato alcançou realizar esse novo ressurgimento de *Selva trágica*, obstinando o livro ao cenário literário brasileiro. Embora de forma tímida, com apenas mil exemplares, o romance reaparece como forma de resistência. E conta novamente com a boa avaliação do crítico Fábio Lucas, que já havia em outros momentos dedicado atenção à obra, além de Nelly Novaes Coelho.

Em contraste à discreta reaparição, à época do primeiro lançamento, em 1959, *Selva trágica* alcançara enorme sucesso de público, com edição de 50 mil exemplares. Publicado pelo grupo editorial Autores Reunidos, compunha o terceiro volume da Coleção Romances de Agora. Também foi publicado por outras casas editoriais, em projetos diversos, como formato de bolso e de composição gráfica de apelo mais popular. José C. Vieira Pontes, em *História da literatura sul-mato-grossense*, destacou o significado extraordinário desses números, “num país em que as tiragens de livros de ficção raramente ultrapassavam a casa dos dez mil”. A crítica recebeu a obra com entusiasmo. No ano seguinte ao lançamento, Artur Neves dedica resenha elogiosa na revista *Anhembi*.

Do êxito editorial, esgotando sucessivas reedições, a narrativa extrapola os círculos lite-

rários e ganha interesse da sétima arte. A história chega às telas do cinema, em adaptação de título homônimo, dirigido por Roberto Farias, tendo no elenco o irmão do diretor, Reginaldo Faria, e a atriz Rejane Medeiros, que protagonizam o casal central do romance, com destaque ainda à atuação de Joffre Soares e Maurício do Valle. Em preto e branco, o drama é ainda mais contundente à batida triste do som da harpa paraguaia das músicas de Luis Bordon que integram a trilha sonora. Glauber Rocha teria dito ser um “filme forte e triste”.

O filme, que em 2013 completou 50 anos de existência, é considerado pelo crítico Luiz Carlos Merten como um grande momento da cinematografia brasileira e do diretor. Para Merten,

[...] é uma das obras mais importantes da história do cinema brasileiro. As pessoas normalmente esquecem desse grande filme, foi um filme produzido à margem do Cinema Novo. Na realidade, Roberto Farias era um diretor à margem do Cinema Novo, ele foi integrado ao movimento pelo sucesso do *Assalto ao trem pagador*, não se pode dizer que ele fosse um diretor cinemanovista¹.

O crítico avalia o mal desempenho de bilheteria à época devido à estética triste e clássica, colocando à prova públicos diversos. De um lado, para o grande público, o filme soaria “deprê”; de outro, os de gosto mais restrito o desaprovaram pelo tom “demasiado clássico”, “viscontiano”, para quem já apreciava as inovações do Cinema Novo, é o que pondera Merten. Muito embora, vê-se que o projeto de Farias para *Selva trágica* se pautava dentro de preocupações que são bem próprias da estética do neorealismo, com destaque para as preocupações sociais e econômicas do Brasil. Além disso, com as filmagens externas, buscaram-se cenários naturais de contexto da realidade tratada.

Ao mesmo tempo em que a atual reedição do livro reaviva velhas chagas da história nacional do país e de regiões, o material fílmico passa por um processo de recuperação. Neste momento de intenso desenvolvimento tecnológico, de circulação e facilidade de informação, a raríssima película que se encontrava em posse da Cinemateca Brasileira ganha tratamento de restauro e pode ser, agora, assistida mais facilmente. E já conta com postagem há pouco mais de um mês na internet, podendo ser acessada pelo dispositivo do YouTube². Agora, com o filme mais acessível, surge a oportunidade de mais pesquisas, podendo ser mais e melhor avaliado, reavaliado.

Luiz Carlos Merten considera o filme como a obra-prima da filmografia de Roberto Farias. Em inúmeras oportunidades, Merten o lembra como uma das melhores produções brasileiras, comparando-o a *Rocco e seus irmãos* (1960), de Luchino Visconti. O crítico já vinha requerendo a

¹ Disponível em: http://www.mulheresdocinemabrasileiro.com/site/entrevistas_depoimentos/visualiza/122/Luiz-Carlos-Merten-Rejane-Medeiros.

² Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=NrPZO-c_tAU.

reabilitação do filme, em DVD ou com reparo, que apenas de tempos em tempos era oferecido ao público em canais públicos de televisão. A cópia restaurada de *Selva trágica* derivou de um amplo projeto e pesquisa acerca da obra filmográfica do diretor Roberto Farias, desenvolvido em conjunto entre o Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Cinemateca Brasileira. O material bibliográfico completo, em que a crítica sobre *Selva trágica* é incluída, foi reunido e publicado sob organização de Hadija Chalupe da Silva e de Simplício Neto, com o título *Os múltiplos lugares de Roberto Farias* (2012).

No âmbito bibliográfico, a nova edição de *Selva trágica*, além de contar com textos da escritora Nelly Novaes Coelho, nas “orelhas” do livro, e de Fábio Lucas, com o prefácio “Na *selva selvaggia* da criação”, o projeto gráfico da obra recupera na imagem da capa detalhe da montagem de fotograma do filme de Farias vazado na imagem da folha da erva-mate. O entrelaçamento de figura humana e planta traduz, explora na composição imagética o drama humano e o meio, na figura de uma planta, que lhe brutaliza. A fala de uma personagem é reveladora dessa dependência: “De erva-mate. Disso é que sou feito. [...] Não sou branco, nem preto, nem bugre. Minha pele é cor de erva cancheada [...] Se a erva acabasse, eu teria que morrer”.

Além dos aspectos externos mencionados, o que se mantém do original são dois textos preliminares. No primeiro, uma espécie de epígrafe ou declaração sem referência de autoria, mas infere-se ser o próprio autor da obra, se evoca *São Bernardo*: “Mais vale escandalizar do que sonegar a verdade”. Segue-se trecho com alguns depoimentos, como que a documentar a narrativa, atestando em cabeçalho os dizeres: “a selva de que tratamos neste livro era de fato trágica”. O enredo ainda conta com o mesmo glossário original, que vinha arrolado ao fim da narrativa. Na atual edição ele foi deslocado para nota em pé de página, o que deu mais agilidade à leitura.

Entretanto, a obra surge com pequena alteração no teor de seu conteúdo. Originalmente, o título *Selva trágica* fazia-se acompanhar do subtítulo “a gesta ervateira no sulestematogrossense”, que agora se suprimiu. Essa alteração rompe certa nota irônica que permeia a narrativa. O subtítulo compunha, juntamente com outros elementos da narrativa, sugestão que resgatava para o enredo outras conjunturas históricas, sociais e artísticas, dando realce irônico de impossibilidade de realização na atualidade da representação de *Selva trágica*. Nessa acepção, era um ganho para o romance.

Hernâni Donato é herdeiro de uma literatura com claros propósitos e interesses sociais. Além da corrente nacional, segue na esteira de um realismo socialista, com tonalidades de um Máximo Gorki e de autores como John Steinbeck. *Selva trágica*, na consideração do escritor e crítico literário Fábio Lucas, “constitui um dos mais altos momentos da novelística de conteúdo social no Brasil”. Um dos aspectos criativos do de Donato era a relação com a matéria abordada. Segundo ele

próprio, desejava “me enfronhar, respirar o ar, beber a água”.

Com isso, Donato estabeleceu intensa relação com Mato Grosso do Sul. Acabou entrando para a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. A despeito de edições durante anos fora de circulação e de certo esquecimento, sempre houve interesse no âmbito acadêmico por sua obra, em especial, *Selva trágica*. Um interesse parcimonioso, é bem verdade, mas contínuo, que persiste ainda atualmente e agrega áreas diversas das ciências humanas.

Essa conjuntura de reedição do livro e restauro do filme talvez seja o momento premente para se recuperar para a historiografia literária e cinematográfica brasileiras uma produção bastante significativa. Esses materiais deveriam ser básicos na composição de acervos do estado, como bibliotecas e outros espaços de preservação cultural, à disposição do público. Pois, além de se constituir em assunto de extrema relevância social e humana, que compõe a história da região e do Brasil, as obras são de inestimáveis valores artísticos.

Para finalizar, vale a observação do crítico Alfredo Bosi, tratando de outra obra, *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, mas semelhante à *Selva trágica* de Donato, por tratar de miséria e de violações à condição humana:

Sem dúvida, o capital não tem pátria, e é esta uma das suas vantagens universais que o fazem tão ativo e irradiante. Mas o trabalho que ele explora tem mãe, tem pai, tem mulher e filhos, tem língua e costumes, tem música e religião. Tem uma fisionomia humana que dura enquanto pode. E como pode, já que a sua situação de raiz é sempre a de falta e dependência (*Novos Estudos Cebrap*, 1982, vol. 1, n. 2, p. 42-43).

DONATO, Hernâni. *Selva trágica*. São Paulo: LetraSelvagem, 2011. 288 p.